# RESENHA DO LIVRO - RACIONAIS MC'S: SOBREVIVENDO NO INFERNO

**Roberta Celli Moreira de Araújo**[1]
**Thiago Celli Moreira de Araújo**[2]
**Rodrigo Souza Ferreira**[3]

No cenário musical atual, parece incontestável que o rap conquistou definitivamente o seu lugar ao sol. No entanto, o quadro nem sempre foi este. À exceção do funk carioca, que teve seu "boom" durante a década de 1990, os estilos musicais oriundos de áreas periféricas não chegavam às paradas de sucesso brasileiras. Em 1997, este quadro se altera dramaticamente, por meio da ousadia do grupo Racionais MC'S, com o lançamento do álbum "Sobrevivendo ao Inferno", que atingiu a incrível marca de um milhão e quinhentas mil cópias vendidas, projetando a voz da periferia, e se fazendo ouvir por todas as classes sociais. A 2018, vinte e um anos depois, as letras das músicas do álbum foram reduzidas a termo e editadas em livro, o qual integrará a lista de leituras obrigatórias para o vestibular da Unicamp, em 2020[4].

Em geral, resenhas de livros não se ocupam de capa e demais aspectos visuais decorrentes de editoração, pois, como corriqueiramente

[1] - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestranda no programa de pós-graduação em Direito
[2] - Mestre em Direito (UFRJ). Mestre em Sociologia (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ/UCAM)
[3] - UNIRIO. Mestrando no programa de pós graduação em Música
[4] http://justificando.cartacapital.com.br/2018/05/28/sobrevivendo-no-inferno-e-uma-aula-de-historia-politica-racismo-e-luta-por-direitos/. Acesso em 14 dez. 2018.

se diz, "não se deve julgar o livro pela capa". No caso em tela, temos uma exceção, posto que a capa do livro é extremamente importante para a contextualização da obra.

Investindo em uma forma minimalista, a capa ostenta apenas uma cruz dourada e um fundo preto, com as bordas do livro também em dourado, em clara associação com a forma clássica da Bíblia. Quem desconhecesse o grupo, poderia, ao se deparar com a capa do livro, confundi-lo com uma obra gospel, uma vez que, já àquela época, apenas estes faziam citações diretas à doutrina cristã.

No entanto, quem já conhecia os Racionais poderia entender o motivo pelo qual trouxeram tantas passagens bíblicas e elementos da doutrina cristã[5]: o *objetivo* do álbum "Sobrevivendo no Inferno" seria transmitir uma mensagem para seus companheiros de periferia, emulando um pastor que leva a Palavra aos seus fiéis. Nesse sentido, o grupo – na figura de um narrador "pastor-marginal", que guia o rebanho pelo vale das sombras[6] - oferece elementos necessários para que seus destinatários exerçam seu pensamento crítico contra um sistema que os oprime diuturnamente, fazendo com que percebam o lugar que ocupam na sociedade e o modo como são encarados pelas classes dominantes.

O "culto" se inicia com *Jorge da Capadócia*, a única letra não autoral, composta por Jorge Bem, e que tem um trecho da conhecida oração de São Jorge, Santo protetor e guerreiro. Tendo em vista que o intuito era representar uma travessia pelo vale das sombras, trata-se de

[5] Nos trabalhos anteriores, intitulados "Holocausto Urbano" (1990), "Escolha o seu Caminho" (1992) e "Raio X Brasil" (1993), o grupo adotava uma postura de professor, que tinha seus ouvintes como alunos.

[6] Acauam Silveiro de Oliveira, que prefacia o livro, traz esta nomenclatura.

óbvio recurso metafórico para expressar a vida sofrida e violenta dos que residem em zonas periféricas, de sorte

que a oração aparece como instrumento de proteção. Entretanto, embora haja toda uma relação entre a música e o cristianismo, a primeira palavra entoada é *Ogunhê*, saudação feita a Ogum[7], orixá de matriz africana que, desde uma perspectiva sincretista, é representado por São Jorge.

Em Gênesis, percebe-se a seguinte alusão: as coisas boas seriam aquelas criadas por Deus, enquanto que as ruins seriam fruto da ação negativa do homem. A frase de impacto ao final – "eu tô tentando sobreviver no inferno" – sintetiza a ideia de ganância que perpassa um mundo que oprime, deprime e reprime, impondo a necessidade de resistência.

*"Capítulo 4, versículo 3"* começa com dados que explicitam a realidade de quem é pobre e negro no Brasil. Temos aqui uma explicação que faz lembrar as famosas teorias do etiquetamento, surgidas durante os anos 1960 nos Estados Unidos. O crime e o criminoso não seriam categorias ontológicas, mas rótulos atribuídos seletivamente a indivíduos[8]. Este etiquetamento ocorre desde a abordagem policial até o poder judiciário, e o padrão de seletividade pode ser verificado, sem grandes esforços, mediante uma apreciação do sistema carcerário: o Brasil ocupa a quarta posição no ranking mundial de população carcerária e, dentre os presos, a esmagadora maioria é composta por

[7] **"Ogunhê Ogum! Ogunhê! Senhor da guerra e da coragem, Ogunhê! Protetor dos templos, das casas e dos caminhos, Ogum é destemido e implacável".**

[8] Cf. BECKER, Howard. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Trad.: Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

negros, segundo dados do Infopen[9].

Rap é arma: "a palavra vale um tiro" e eles têm "muita munição". Rap é, portanto, instrumento de conscientização e resistência, produzido em razão das experiências de vida daqueles que declamam a poesia. Não por acaso, o rap é bastante ouvido por moradores de periferia, indivíduos criminalizados e egressos do sistema carcerário[10]. É importante a divulgação de uma mensagem que, a depender de quem irá recebê-la, será interpretada de diferentes formas: seria ele um santo ou um bandido? Uma só pessoa; um indivíduo complexo, com vários prismas, várias camadas, várias facetas. Será possível um etiquetá-lo como uma mercadoria exposta numa prateleira? Ele veio para "sabotar o raciocínio", ou seja, para romper com um pré-julgamento; um rótulo pré-constituído.

"*Tô ouvindo alguém me chamar*" mostra o universo do crime e os meios de justificação daqueles que escolheram seguir por este caminho. Desigualdade social, falta de acesso a educação, ausência total de representatividade, sonhos que jamais poderão ser realizados: uma forte crítica social. Guina, que se sentia humilhado por ir para a escola com roupas doadas e que tinha um pai alcoólatra, só acumulou más recordações, que geraram nele – ainda em tenra idade - sentimentos de ódio, frustração e dor. Um jovem é levado ao mundo do crime – seu "vestibular" foi um assalto a ônibus e sua "formatura" se deu com um

[9] http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/noticias/sistema-carcerario-brasileiro-negros-e-pobres-na-prisao. Acesso em 20 jan 2019.

[10] Este fato pode ser presenciado, por exemplo, no documentário Corpo Delito, de Pedro Rocha, de 2016.

roubo a banco – por falta de oportunidades concretas.

O narrador também não foge da estatística: antes de atingir a maioridade, já precisava sobreviver e, assim como o amigo, é recrutado para o mundo do crime. Percebe-se que o narrador tem o intuito de contar "a vida como ela é", sem com isso enaltecer a vida no crime, estando consciente de que ela só produziria finais trágicos. Isto fica evidente quando ele menciona o irmão, pessoa que utiliza como exemplo, por ter estudado e conseguido ingressar no ensino superior.

O Estado falhou com aqueles jovens, foi omisso, não lhes deu oportunidades. A narrativa é um ótimo exemplo de aplicação do princípio da coculpabilidade, desenvolvido por Zaffaroni: o Estado e a sociedade devem partilhar a responsabilidade com aquele sujeito a quem não foram fornecidas condições mínimas de socialização.

"*Rapaz comum*" conta o cotidiano da favela, no melhor estilo "*Memórias Póstumas de Brás Cubas*", de Machado de Assis: relembra o narrador tudo o que viveu, no instante em que é atingido por um tiro, até o seu funeral. Novamente, o tom crítico aqui incide, trazendo diversos questionamentos: o valor de uma vida, a sobrevivência em um mundo desigual ("lei da selva"), a humanização do criminalizado e a matança diária da população jovem negra de periferia.

"*Diário de um detento*", aborda a realidade dentro dos presídios e seus versos foram escritos em parceria com Jocenir, ex-detento que sobreviveu ao massacre do Carandiru e, de certa forma, com os demais detentos, já que estes leram os cadernos para aprovar os escritos que viraram os conhecidos versos.

A letra é um rico material para diversas análises. "Na muralha em

pé, mais um cidadão José, servindo ao Estado" – o policial, aquele sujeito que aborda o negro pobre e favelado, muitas vezes mora no mesmo lugar, conhece as mesmas pessoas, aquela realidade. É o complexo de "capitão do mato" ainda presente: só por estar junto da Casa Grande, se julga melhor do que os que moram na senzala.

"Mais um metrô vai passar com gente de bem, apressada, católica, lendo jornal, satisfeita, hipócrita, com raiva por dentro a caminho do centro. (...) Minha vida não tem tanto valor quanto seu celular, seu computador". Neste trecho da letra, já se extrai diversas críticas: àqueles que se dizem religiosos, mas claramente não demonstram qualquer sentimento de compaixão e amor ao próximo; à reificação dos detentos, que não são mais vistos como pessoas, mas sim como números de processos ou, pior, bestas que, além de terem sua liberdade retirada, merecem estar em um lugar totalmente insalubre, sem qualquer dignidade (aqui, temos as máximas do chamado "cidadão de bem": "bandido bom é bandido morto" e "é só não cometer crimes que não vai para lá").

Apesar de a lei de execuções penais garantir ao preso o direito ao trabalho, ao estudo e à leitura, a realidade é outra. Muito tempo ocioso, sem direito muitas vezes ao banho de sol, colocados em um cubículo quente, com rodízio para deitar. Soma-se a isso o fato de que muitos são esquecidos por seus parentes, sem qualquer visita. Outros, são isolados dos demais detentos e jamais saem daquele minúsculo espaço[11]. É um

[11] É o caso dos estupradores, que são sentenciados, não só pelo Poder Judiciário, como também pelos presos. Este estigma é levado com eles. No Carandiru, ficavam no Pavilhão 5, o chamado "Pavilhão Amarelo".

verdadeiro barril de pólvora, que pode explodir a qualquer momento: suicídio, assassinatos, brigas e disputas internas.

"A vida bandida é sem futuro" – em mais uma letra, de forma explícita, o grupo leva a mensagem de que o caminho de quem escolhe o crime será o presídio ou a morte, conforme abordagem na letra "Tô ouvindo alguém me chamar".

Segue a letra com o dia do massacre do Carandiru, que começou com uma briga entre detentos, algo rotineiro no sistema carcerário. No entanto, essa era a "brecha que o sistema queria", a desculpa para entrar no lugar e matar a sangue frio pelo menos cento e onze detentos, que não tinham qualquer possibilidade de defesa. Corpos empilhados, poças de sangue contaminado com HIV[12], detentos rezando o salmo 91 na esperança de terem suas vidas poupadas por aqueles responsáveis pela sua guarda e vigilância. Alguns detentos sobreviventes compararam este dia ao que ocorreu nos campos de concentração, tamanha a crueldade dos policiais[13]. Até hoje, o processo ainda está em curso, sem qualquer resposta do Estado quanto ao extermínio em massa praticado. E há ainda quem chame este fatídico dia de "Rebelião do Carandiru" (!).

"*Periferia é periferia em qualquer lugar*" leva ao leitor o dia a dia deste lugar. Crítica às drogas, ao fato de as crianças conviverem com usuários de crack e cocaína e, principalmente, ao fato de, em razão de vivermos em uma sociedade totalmente desigual e exploratória, a família não ter possibilidade de conviver. Explica-se: o pai, "chefe de família",

[12] Na década de 90, o vírus da AIDS era uma realidade no Carandiru, conforme narra o médico Dráuzio Varella no livro "Estação Carandiru".

[13] Sidney Sales, em entrevista ao jornal El País. Disponível em ttps://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/14/politica/1497471277_080723.html

precisa levantar muito cedo, passa o dia todo fora, explorado pelo patrão, e volta quando seus filhos já dormem. Por precisar de dinheiro para garantir sua sobrevivência e dos seus – e não apenas viver – aceita horas extras e isso o distancia ainda mais da família.

Aqui o leitor percebe as contradições da sociedade capitalista, que aprisiona e escraviza: o trabalhador, oprimido, explorado pelo patrão, perde suas horas de lazer, seu tempo com a família e precisa trabalhar sempre mais. É apenas uma engrenagem do sistema, facilmente substituído, como retratado no filme "Tempos Modernos" de Charles Chaplin.

"*Qual mentira vou acreditar*" foca no racismo velado e em situações diárias pelas quais a população negra infelizmente vivencia. A abordagem policial é um exemplo disso. De acordo com pesquisa realizada na época em que as letras foram lançadas, quase metade dos negros entrevistados foram revistados por policiais[14]. Essa abordagem abusiva sofrida pela pessoa simplesmente pela cor de sua pele, curiosamente sempre em "atitude suspeita", já havia sido denunciada por Marcelo Yuka, na letra "*Todo camburão tem um pouco de navio negreiro*"[15].

O "racismo nosso de cada dia" é retratado na letra com frases generalizadas, que diminuem, inferiorizam o negro, e este, quando é consciente, está em constante estado de raiva em razão de tamanha

[14] Pesquisa da Datafolha, disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff060402.htm. Acesso em 07 fev 2019.

[15] "(...) Veio os homens e nos pararam. Documento por favor. Então a gente apresentou, mas eles não paravam. (...) É mole de ver que em qualquer dura o tempo passa mais lento pro negão. (...) Escolhe sempre o primeiro negro para passar na revista.

injustiça[16]. Geralmente, após questionar atitudes racistas, a resposta mais comum é a seguinte: "ah, mas eu tenho um parente negro, como posso ser racista?[17]", fato que também é apontado na letra.

"*Mágico de Oz*" traz no próprio título sua ideia central: o desejo de um menino, sobrevivente das ruas, que gostaria de "estudar, ter uma casa, uma família". A droga usada como escape da dura realidade, a infância roubada, já que um menino precisa amadurecer para sobreviver. As referências certamente nos influenciam: pai violento, convivência com drogas e traficante: espelha-se neste último, quer ter dinheiro para poder comprar o que vê na vitrine e não pode.

A letra mostra a diferença de tratamento dado pela sociedade às pessoas que cometem crimes. Por que este menor é visto com olhos de reprovação, ódio e medo, esquecendo-se que ele é um produto desta sociedade desigual e não vê com tanta reprovação crimes do colarinho branco, por exemplo? Certamente, se houvesse uma estrada de tijolos amarelos, ele a percorreria para realizar seus sonhos! Será que este menino, que tem menos de 12 anos – e que deveria ser protegido pelo ECA[18] - mas já viveu mais do que muito homem, poderia ter uma chance de mudar o rumo de sua vida?

Em "*Fórmula mágica da paz*", a paz é tratada como algo místico, uma verdadeira mágica. Explica-se: só com um passe de mágica, a lei de

[16] "To be a negro in this country and to be relatively conscious is to be in a rage almost all the time".

[17] Um bom exemplo disso é a resposta de Jair Bolsonaro, atual Presidente da República, que, sempre que questionado sobre possíveis atitudes racistas, respondia: "meu sogro é o Paulo Negão". Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/04/a-bela-da-fera-conheca-a-mulher-de-jair-bolsonaro.shtml. Acesso em 07 fev 2019.

[18] Sigla de Estatuto da Criança e do Adolescente, diploma criado em 1990, pela Lei 8.069.

talião, a rotina violenta do morador da favela poderia menos violenta. Novamente, trata do caminho percorrido por aquele que escolhe a estrada do crime: na maioria das vezes, será preso ou morto. O narrador reflete e curte a sua liberdade: para ele, malandro é aquele que vive, ou seja, quem não segue aquele caminho e o rap seria algo em que estas pessoas poderiam se agarrar para escapar e mudar o seu predisposto curso. A letra traz também uma reflexão sobre o cristianismo, religião predominante nas periferias brasileiras: se Deus é onipresente e ama a todos, onde estaria seu emissário que não vela por quem mora nos lugares menos favorecidos? Parece que o narrador sugere que apenas parte da população estaria coberta pela proteção divina. Ao final, o narrador se considera um vencedor por ter chegado aos vinte e sete anos. A população jovem, branca e favorecida pode não compreender, mas para um jovem, negro, da periferia, chegar a esta idade – que não é alta considerando o nosso IDH - é contrariar as estatísticas.

Os versos de "*Salve*", saúdam não só vários guetos do Brasil, como também quem está cercado pelos muros do sistema carcerário, ressaltando que o que foi tirado destas pessoas foi apenas a liberdade de ir e vir, já que o pensamento jamais poderá ser aprisionado se assim a pessoa não permitir.

A última mensagem do grupo é ainda bastante atual, pois ainda vivemos uma sociedade que pinta a imagem de Jesus esquecendo-se de quem ele realmente era: um homem de pele escura, simples, que andava entre pobres e doentes, pregando a igualdade. Se percorrermos qualquer periferia do Brasil, poderemos ver diversos moradores com estas

características: qualquer semelhança não será mera coincidência.

Para aqueles que torcem o nariz para o rap – "som de periferia" -, para quem entende que um clássico só pode ser assim nomeado se cheio de palavras rebuscadas ao melhor estilo Machadiano, eis aqui um livro com versos de vocabulário simples, mas totalmente denso, que faz o leitor pensar e refletir sobre um mundo que, muitas vezes, não é a sua realidade, mas que é a da maioria da população brasileira.